



TEATRALIZANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA

*Liana Macabu de Sousa Soares*¹
li_macabu@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo parte do pressuposto de que o Teatro, através da metodologia dos jogos teatrais, pode contribuir para um ensino de Geografia que seja mais significativo e que busque a prática e a reflexão crítica com o intuito de formar cidadãos capazes de conceber uma leitura geográfica da realidade. Esta proposta une o ensino de Geografia à expressão artística, na busca da valorização das diversas linguagens. Para validar a pesquisa foram desenvolvidas atividades de jogos teatrais com alunos de Licenciatura em Geografia e do Ensino Médio.

Palavras-chave

Ensino de Geografia, Teatro, Jogos teatrais, Aprendizagem significativa.

THEATRICALIZE GEOGRAPHIC TEACHING

Abstract

This article assumes that the theater, through the methodology of theater games, can contribute to the teaching of geography more meaningful and seek to practice and critical reflection in order to form citizens capable of conceiving a geographical reading of reality. This proposal combines the teaching of geography for artistic expression, seeking recovery of several languages. To validate the research were developed theater games activities with higher and elementary students.

Keywords

Geography Teaching, Theater, Theater games, Significant learning.

Introdução

O mundo é um palco,
E todos os homens e mulheres são meros
atores.
Eles têm suas entradas e saídas,
E um só homem faz muitos papéis...

William Shakespeare

¹ Especialista em Ensino de Geografia, Instituto Federal Fluminense (IFF). Mestranda em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Formação de Professores (FFP). Professora dos municípios de Campos dos Goytacazes e São Francisco do Itabapoana, Rio de Janeiro (RJ). Avenida Sete de Setembro, 14, apto. 301. Campos dos Goytacazes. Rio de Janeiro (RJ). CEP 28013-332

Apropriando-se da imagem de Shakespeare em sua peça “Como Gostais”, cabe a Geografia descortinar este palco e trazer todos os atores à cena. Se já foi dito por Grotowsky que “a essência do teatro é o encontro”, deseja-se com este artigo promover o encontro do Teatro enquanto arte e disciplina com a Geografia enquanto ciência e, principalmente, como disciplina escolar.

O artigo que se apresenta está pautado em pesquisa realizada acerca de uma proposta metodológica para o ensino de Geografia que tenha como base os preceitos do ensino do Teatro. A intenção é proporcionar uma “aprendizagem significativa”² por meio da união entre a Geografia e o Teatro, além de incentivar a aprendizagem por meio da vivência e da experimentação, estimulando uma atitude crítica e reflexiva diante da realidade. O que se almeja é dele apanhar emprestadas as metodologias para se desenvolver um ensino mais significativo, reflexivo e vivenciado da Geografia, sem, com isto, minimizar a arte teatral a meras representações didáticas de determinados conteúdos, nem de perder a dimensão artística e cultural do teatro. O objetivo, portanto, é propor uma metodologia em que os professores sejam mediadores do conhecimento, proporcionando aos alunos a possibilidade de se expressarem com autonomia e liberdade, utilizando jogos teatrais nas aulas de Geografia também como incentivo para a interação entre professores e alunos.

O conceito de jogo teatral foi originalmente formulado por Viola Spolin e é um procedimento metodológico para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico com teatro na educação. Spolin aplicou este método em vários grupos de diferentes interesses e não necessariamente ligados ao teatro e constatou que o “*sistema de jogos teatrais* era um processo aplicável a qualquer campo, disciplina ou assunto por ‘possibilitar um espaço possível para interação e comunicação verdadeira entre sujeitos.’” (JAPIASSU, 2008, p. 42).

Acredita-se que o ensino de Geografia deve proporcionar aos alunos a capacidade de analisar a dimensão espacial dos fenômenos e/ou proceder a uma leitura geográfica da realidade, utilizando-se das diversas linguagens, dentre elas a linguagem

² A teoria da aprendizagem significativa foi desenvolvida por David Ausubel. Segundo Moreira a aprendizagem significativa é “um processo pelo qual uma nova informação se relaciona, de maneira substantiva (não literal) e não arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura cognitiva do indivíduo” (MOREIRA, 2006, p. 14). Este aspecto relevante é uma estrutura de conhecimento específica, chamada por Ausubel de “conceito subsunçor” ou “subsunçor”. Este funciona como um ancoradouro da nova informação recebida pelo aprendiz, pois ele é um conceito preexistente na estrutura cognitiva do indivíduo e a partir deste conhecimento prévio é desenvolvida, então, a aprendizagem significativa. Esta aprendizagem se caracteriza pela interação e, não apenas associação, entre os conhecimentos aprendidos anteriormente e os novos. Por meio dos subsunçores as novas informações adquirem significado e são integrados à estrutura cognitiva do indivíduo de maneira não arbitrária e não literal.

teatral, ferramenta da qual o professor pode dispor deixando de lado o papel autoritário do professor, senhor do conhecimento e do aluno submisso, receptor do conhecimento, sem nenhuma reflexão e perspectiva de atuação na realidade. Reichwald Jr fala sobre a necessidade de uma análise geográfica sobre diversos pontos de vista. Segundo ele:

O exercício da análise geográfica tem maior competência de aproximação à complexidade do mundo se também for plural internamente: buscar diferentes pontos de vista para ler analiticamente o mundo e também ser capaz de escrever sobre isso sob diferentes aspectos. (REICHWALD JR, 2004, p. 70).

O método utilizado na pesquisa foi o da investigação bibliográfica sobre o tema para embasamento teórico desta proposta de ensino de Geografia por meio da metodologia teatral. Além disso, foi elaborada a atividade que, posteriormente, foi aplicada como pré-teste com alunos da licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campus Campos – Centro e como validação da pesquisa com uma turma do 3º ano do Ensino Médio diurno da mesma instituição.

O pré-teste consistiu numa aula de Geografia utilizando a metodologia dos jogos teatrais, servindo de avaliação para a elaboração da aula-validação. O pré-teste foi realizado com uma turma de 5º período da Licenciatura em Geografia, durante ele foram feitas diversas observações por parte dos alunos com o intuito de auxiliar na preparação da validação da pesquisa. E a validação foi efetivamente a aplicação da metodologia com alunos do Ensino Médio, que também fizeram suas observações e avaliações da metodologia aplicada.

Este artigo está dividido em três partes que elucidam a pesquisa apresentada, além da introdução e das considerações finais. A primeira parte denominada “O Teatro na Educação”, trata da arte teatral contando um pouco da sua história milenar e apresentando teorias teatrais que embasam a teoria proposta. A segunda parte, “Ensino de Geografia e Teatro”, mostra a importância de um ensino que privilegie a prática como forma de apreender o conhecimento teórico de forma vivenciada, tornando o processo de aprendizagem mais significativo, crítico e reflexivo. A última parte do trabalho apresenta a parte empírica da pesquisa e foi denominada “Experimentações Teatrais”. Neste item são relatadas as experiências e os resultados obtidos com as aulas de pré-teste e validação aplicadas.

O Teatro na Educação

Acredita-se que a origem do Teatro remeta ao período Pré-Histórico, com os homens primitivos imitando os animais que conheciam e as caçadas que realizavam. Muitos séculos depois surgiu, na Grécia antiga, o Teatro ocidental como se conhece hoje, o qual floresceu com as festas que reverenciavam os deuses. Um dos deuses mais amados pelos gregos era o deus Dionísio, o deus da fertilidade, do vinho, da alegria. Nas festas dedicadas a ele, eram feitas apresentações chamadas de *ditirambos*, poesias cantadas em coro e com uma parte narrativa. A princípio, os *ditirambos* apenas serviam de culto ao deus Dionísio, mas depois os temas foram se ampliando e as histórias incluíam elementos típicos de uma trama teatral (COELHO, 1999, p. 10).

Já no século XIV, surge na Itália um movimento de renovação das artes, o Renascimento, neste período foi criado um importante tipo teatral a *commedia dell'arte*, na qual os grupos faziam apresentações improvisando os diálogos e representando personagens que são conhecidos até os tempos atuais, dentre eles estão a Colombina, o Pierrot e o Arlequim (COELHO, 1999, p. 18). Deste período até o século XX, o Teatro ganha novas formas, é reinventado por muitas vezes e várias técnicas são elaboradas, destaca-se, neste século, a criação do teatro épico de Bertold Brecht, apresentado neste trabalho.

Estes momentos destacados revelam a riqueza e a consistência da história do Teatro, que tem sido definido de diversas maneiras. Para Fernando Peixoto, Teatro é “um espaço, um homem que ocupa este espaço, outro homem que observa.” (PEIXOTO, 1981 *apud* GAMA, p. 4). Para Stanislavski, “a arte do teatro é tão viva e pictórica, ilustra tão plenamente uma peça, (...) que se torna acessível a todos, do professor ao camponês, do jovem ao velho.” (STANISLAVSKI, 2001, p. 181). Já Brecht compreende que o Teatro deve ser didático e, segundo comenta Gama acerca desse conceito, “com esta proposta ele radicalizou a ideia de teatro, propôs o rompimento da distância existente entre atores e espectadores, afirmando que as peças didáticas não precisavam de público, pois todos (atores e público) deveriam ser atuantes.” (GAMA, p. 5). Dentre tantas definições pertinentes sobre o Teatro, destaca-se a compreensão didática dada por Brecht, que não visa a emocionar a plateia, mas, sobretudo, fazê-la partícipe da construção teatral.

A proposição do Teatro com cunho pedagógico ocorre muito antes de ser desenvolvida a concepção de Teatro didático de Brecht. O Teatro já estava inserido nas propostas pedagógicas desde a Grécia no século V a.C. com Platão e Aristóteles passando

pelos romanos, pela Idade Média, mas foi só a partir da segunda metade do século XIX que passou a existir uma literatura específica sobre teatro-educação. Os estudos sobre teatro-educação se baseavam na pedagogia de Rousseau, a qual enfatizava a atuação da criança no processo educativo e defendia a importância do jogo como fonte de aprendizado. Suas ideias foram utilizadas pelo movimento Educação Ativa, que no Brasil ficou mais conhecido como Escola Nova, e é neste contexto que o teatro na educação escolar adquire *status* epistemológico (REVERBEL, 1997; JAPIASSU, 2008). No início do século XX, o uso do teatro na escola se justifica como recurso de estímulo à criatividade do educando (JAPIASSU, 2008), aplicando técnicas teatrais ao processo de ensino-aprendizagem de conteúdos de outras disciplinas, observando não apenas sua vertente instrumental, mas também existencial³.

A Geografia neste contexto, abarca tanto a vertente instrumental, por se tratar de uma outra disciplina que a partir do Teatro pode estimular a criatividade, quanto a vertente existencial, por possuir o objetivo de ler e compreender o mundo observando as interferências humanas na construção do espaço geográfico.

Brecht e os Jogos Teatrais

A metodologia utilizada no Teatro pode trazer muitas contribuições para o ensino de Geografia, principalmente ao se trabalhar sob a perspectiva crítica encontrada na obra do dramaturgo alemão Bertold Brecht. Ele desenvolveu a teoria do teatro épico, que se opunha a do teatro dramático. Nesta, a platéia envolve-se emocionalmente com os personagens e suas ações a ponto de perderem a capacidade de reflexão acerca do tema apresentado, pois segundo Brecht a forma dramática de teatro “envolve o espectador na ação e consome-lhe a atividade; proporciona-lhe sentimentos; leva-o a viver uma experiência; o espectador é transferido para dentro da ação” (BRECHT, 2005, p. 31), enquanto na teoria elaborada por Brecht, “não era mais permitido ao espectador abandonar-se a uma vivência sem qualquer atitude crítica (e sem consequências na prática), por mera empatia com a personagem dramática” (BRECHT, 2005, p. 66). No

³A vertente contextualista ou instrumental pensa o teatro na educação como “um meio eficaz para alcançar conteúdos disciplinares extrateatrais ou objetivos pedagógicos mais amplos como, por exemplo, o desenvolvimento da 'criatividade'.” (JAPIASSU, 2008, p. 29). A vertente essencialista ou estética defende a presença das artes no currículo escolar como conteúdos relevantes para a formação cultural dos educandos. Nesta perspectiva “destaca-se a necessidade de apropriação pelo aluno das linguagens artísticas – instrumentos poderosos de comunicação, leitura e compreensão da realidade humana.” (JAPIASSU, 2008, p. 30).

teatro épico, a platéia é convidada a refletir sobre ao que assiste, não mais ficando apenas inebriada com a magia do teatro. O espectador é forçado a tomar decisões, é colocado diante da ação e não dentro dela. Para alcançar este objetivo, ele transformou os cenários deixando as estruturas do teatro à mostra, e os atores se mantinham distanciados dos personagens incitando os espectadores à crítica. Brecht afirma que “a representação submetia os temas e os acontecimentos a um processo de alheamento indispensável à sua compreensão.” (BRECHT, 2005, p. 66).

Com o teatro épico, Brecht também desenvolveu o teatro didático. Segundo ele,

o teatro passou a oferecer ao filósofo a oportunidade, oportunidade, aliás, aberta apenas a todos aqueles que desejavam não só explicar como também modificar o mundo. Fazia-se filosofia; ensinava-se, portanto. (BRECHT, 2005, p. 67).

Preocupado com a possibilidade de se julgar que desta forma o teatro perderia a sua função de entretenimento, sendo visto como algo tristonho e fatigante, Brecht justifica sua criação afirmando que embora haja a compreensão geral de que aprender e se divertir são ações tidas como opostas, essa oposição não é necessária por natureza. Ele conclui que “o teatro não deixa de ser teatro, mesmo quando é didático; e desde que seja bom teatro, diverte.” (BRECHT, 2005, p. 69). Brecht desenvolveu a teoria da peça didática e de acordo com ela escreveu diversas peças, segundo Japiassu, “a idéia principal de Brecht com suas *peças didáticas* é conscientizar os jogadores das suas muitas possibilidades de ação para transformação da realidade estabelecida.” (JAPIASSU, 2008, p.38). Ainda sobre as peças didáticas, diz Brecht:

A peça didática ensina quando nela se atua, não quando se é espectador. (...) A peça didática baseia-se na expectativa de que o atuante possa ser influenciado socialmente, levando a cabo determinadas formas de agir, assumindo determinadas posturas, reproduzindo determinadas falas. (BRECHT *apud* JAPIASSU, 2008, p. 38).

As peças didáticas de Brecht reproduziam sua ideologia anarco-marxista, e a teoria pedagógica que lhes dá sustentação serviu de base para algumas práticas teatrais educativas de caráter político-estético, dentre as quais está a proposta metodológica de abordagem de fragmentos e textos das peças didáticas com jogos teatrais, desenvolvida pela professora Ingrid Koudela da Universidade de São Paulo - USP.

Jogos Teatrais

Originalmente o conceito de jogos teatrais foi formulado pela professora, atriz e diretora teatral Viola Spolin. A pedagogia criada por ela enfatizava a dimensão improvisacional⁴ do fazer teatral e a importância das interações subjetivas na construção de sentidos da representação teatral (JAPIASSU, 2008).

Nos jogos teatrais, cada indivíduo tem a oportunidade de experienciar um processo e aprender a partir dele. Esta proposta metodológica exige objetividade e clareza de propósito por parte dos jogadores que devem estar empenhados em resolver ativamente as situações propostas. O sistema de jogos teatrais possui algumas noções fundamentais. São elas:

1. foco ou ponto de concentração do jogador durante a busca de solução para os desafios postos pelo professor ou coordenador;
2. a instrução do professor ou coordenador dos trabalhos durante a resolução do problema pelos jogadores;
3. a plateia ou os observadores do jogo teatral, constituída por parte dos jogadores que integram o grupo de trabalho com a linguagem teatral;
4. a avaliação coletiva dos resultados obtidos, compartilhada por todos os membros do grupo (jogadores atuantes e jogadores-observadores). (JAPIASSU, 2008, p. 41).

Os jogos estimulam a criatividade, a capacidade de se expressar e de resolver problemas. Além da expressão oral, a corporal também é estimulada e os participantes têm a oportunidade de aprender na prática experimentando situações e quebrando estereótipos. Segundo Koudela,

longe de estar submetido a teorias, sistemas, técnicas ou leis, o atuante no jogo teatral passa a ser o artesão de sua própria educação. Esta antipedagógica do jogo propõe a superação de atitudes mecanizadas, por meio da experiência viva do teatro. (KOUDELA, p. 35).

Segundo Japiassu, “os jogos teatrais são procedimentos lúdicos com regras explícitas” (2008, p. 25), ainda de acordo com o mesmo autor “a finalidade do *jogo teatral* na educação escolar é o *crescimento pessoal* e o *desenvolvimento cultural* dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica” (JAPIASSU, 2008, p. 26).

Os jogos teatrais utilizados na parte empírica deste trabalho se basearam em

⁴ Improvisação é uma técnica teatral que visa estimular a criatividade dos atores por meio de encenações de determinadas situações sem que haja um texto elaborado previamente.

encenações utilizando pantomimas e improvisações. Segundo Novelly, pantomima é uma “encenação que comunica uma idéia ou ação sem uso do diálogo” (2003, p. 15), nesta encenação apenas se utiliza a mímica para representar as ações. Ainda de acordo com essa autora,

a visibilidade, gesticulação, expressão, absorção e energia são o que há de mais importante em pantomima. [...] A ênfase dessas atividades não é dada à precisão da mímica, mas sim à comunicação de uma idéia e à prática de técnicas de palco. (NOVELLY, 2003, p. 43).

Com relação à improvisação, Novelly afirma ser uma “cena executada com pouco ou nenhum ensaio; geralmente inclui um diálogo” (2003, p. 15). A improvisação requer imaginação, criatividade para ser executada, já que não existe roteiro prévio.

Ensino de Geografia e Teatro

A Geografia, ao longo de sua história, pouco refletiu sobre as suas bases teórico-metodológicas, e suas bases epistemológicas foram pontuais e descontínuas, tal situação só começou a ser modificada na segunda metade do século XX. Segundo Castrogiovanni, “a Geografia, ao longo de sua trajetória, foi se desvencilhando da filosofia, da arte, da literatura, da emoção, da imaginação e se aproximando da objetividade do método de pensar científico.” (CASTROGIOVANNI, 2008, p. 33).

No final do século XIX, a Geografia ganha sua autonomia enquanto ciência. Deste período até a segunda metade do século XX, a Geografia se desenvolve sobre os alicerces do paradigma positivista e adota uma postura reducionista-mecanicista. Castrogiovanni explica que “reduccionismo implica reduzir o fenômeno estudado em suas partes constitutivas, analisando-as independentemente uma das outras” e que “mecanicismo (a relação entre natureza e sociedade)” entende “os fenômenos a partir das relações de causa e efeito.” (CASTROGIOVANNI, 2008, p. 36).

A Geografia entra o século XX com este pensamento positivista reforçado e revisado no neopositivismo da Geografia Quantitativa, porém esta não provoca um significativo debate epistemológico e, com isso, pouco reflete no ensino da disciplina. Nos ensinamentos fundamental e médio ainda predomina a Geografia Tradicional marcada pelo positivismo, esta

ênfata a descrição da paisagem, a partir de uma sistemática compartimentação em que o 'maior', o 'mais alto', o 'melhor' são ressaltados.

Apresenta-se cartesiana, valorizando as verdades absolutas, e manifesta uma postura mecanicista-reducionista na sua análise espacial. (CASTROGIOVANNI, 2008, p. 38)

A partir da segunda metade do século XX, os geógrafos brasileiros, principalmente os ex-exilados, reagindo à ditadura militar e à Geografia Quantitativa utilizada por ela, propõe a adoção do paradigma e do método de investigação da Geografia Crítica, estabelecendo uma relação com as discussões abordadas por geógrafos em outras partes do mundo. Esta proposta de pensamento geográfico “possibilita ao sujeito não apenas o conhecimento dos elementos que formam o espaço geográfico, mas a compreensão da sua (re) construção e (re) organização” (CASTROGIOVANNI, 2008, p. 39). A Geografia Crítica colabora para uma leitura mais complexa do espaço geográfico e prioriza os paradigmas atuais como: o respeito às diferenças; a valorização das especificidades dos lugares e dos povos; e ressalta a dinâmica preservacionista na relação entre sujeito e natureza. (CASTROGIOVANNI, 2008).

O ensino de Geografia, apesar das mudanças propostas com o advento da Geografia Crítica, segue, ainda hoje, (século XXI) os preceitos do positivismo e do pensamento geográfico baseado nele - a Geografia Tradicional.

O ensino tradicional ainda persiste nas escolas, de modo geral, baseado na: reprodução de conteúdos; consideração de que estes são inquestionáveis; na memorização e demais formas de ensino centradas no papel do professor detentor do conhecimento. De acordo com Freire, “o educador que, ensinando Geografia, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficiência, da memorização mecânica dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica.” (FREIRE, 1996 *apud* KIMURA, 2008, p. 106). A Pedagogia Tradicional, metodologia utilizada pela Geografia Tradicional no contexto escolar, dentre as características já citadas, apresenta outros aspectos, dentre eles a ideia de um ensino dedutivo no qual o sujeito tem um papel insignificante na elaboração e aquisição dos conhecimentos e verticalização da relação professor-aluno: o professor detém o poder decisório quanto à metodologia, aos conteúdos e à avaliação. (ZACHARIAS)

Esta concepção de ensino começa a ser modificada a partir da década de 1970, período no qual passa a não mais responder às indagações trazidas por um mundo em plena transformação e efervescência política. É neste contexto que a prática tradicional começa a mudar gradativamente à medida em que algumas experiências inovadoras fundamentadas na concepção sociocultural vão sendo implementadas.

A abordagem sociocultural está pautada na concepção de que o aluno deve

ser sujeito ativo de seu processo de construção de conhecimento. Nesta abordagem, segundo Santos,

[...] [a] educação é vista como um ato político, que deve provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a sociedade e a cultura. Portanto, deve levar o indivíduo a uma consciência crítica de sua realidade, transformando-a e melhorando-a. (SANTOS, 2005, p. 25).

Segundo Cavalcanti, a partir desta concepção, formulam-se vários desdobramentos orientadores para o ensino de Geografia:

o aluno é o sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/propiciar a interação (encontro/confronto) entre o sujeito (aluno) e o seu objeto de conhecimento (conteúdo escolar). (CAVALCANTI, 2006, p. 67).

Tendo como fundamento esta abordagem, pode-se afirmar que ensinar Geografia é mais do que ensinar mapas e nomes de lugares, é ensinar a ler o mundo sob diferentes perspectivas. Utiliza-se, inclusive, a leitura de textos literários verbais e não-verbais e a leitura de imagens, de mapas, de textos dramáticos etc. Considerando que a leitura de mundo não pode privilegiar apenas a visão do professor.

A Geografia deve incentivar o aluno a ler o mundo com olhar observador, desafiado e desafiador, buscando uma leitura plural da realidade para que se amplie o horizonte de conhecimento e análise do observador-leitor. Nesta perspectiva, o teatro surge como um aliado na busca por olhares diferentes sobre a realidade. Propõe uma abertura para a espontaneidade; a criatividade e o trabalho coletivo. Um ensino, no qual os alunos atuem como agentes de seu conhecimento, com autonomia e liberdade, e os professores mediem, coordenem e direcionem as ações a serem realizadas. Como nos diz Paulo Freire, “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” (FREIRE, 2004, P.59). Desta forma, aliando a Geografia à arte teatral, enriquece-se o aprendizado daquela disciplina, tornando-a desafiadora. Castrogiovanni mostra a necessidade de os professores estimularem diferentes formas de aprendizagem no ensino de Geografia, segundo ele:

faz-se necessário que os professores criem condições de trabalho que favoreçam as diferentes estratégias cognitivas e ritmos de aprendizagem, para que o aluno aprenda de forma ativa, participativa, evoluindo dos conceitos prévios aos raciocínios mais complexos e assumindo uma postura ética, de comprometimento coletivo. (CASTROGIOVANNI,

2003, p. 8).

Um ensino de Geografia que privilegie a interação entre os alunos e entre estes e os professores gerará uma aprendizagem mais significativa, pois será vivenciada, apreendida. Sobre essa interação, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio propõem a adoção de

estratégias de ensino diversificadas, que mobilizem menos a memória e mais o raciocínio e outras competências cognitivas superiores, bem como potencializem a interação entre aluno-professor e aluno-aluno para a permanente negociação dos significados dos conteúdos curriculares, de forma a propiciar formas coletivas de construção do conhecimento. (PCNEM, 2000).

A proposta trazida pelo teatro é exatamente a de uma construção coletiva que privilegie a interação e a utilização de diferentes linguagens. Kroetz e Castro falam sobre um projeto que utiliza o teatro nas aulas de Geografia demonstrando a importância da atividade teatral para os alunos. Eles mostram que:

A partir deste projeto, os educandos passam a interagir com o saber de modo investigativo, descobrindo as respostas de seus questionamentos pela pesquisa e pelo esforço, através de uma liberdade pouco encontrada nas atividades rotineiras de sala de aula, o que a tornou desafiadora para as turmas. (KROETZ; CASTRO, 2008).

Observa-se a importância da interação, da atividade coletiva e da utilização de atividades cognitivas diversas na busca por novas visões de mundo que privilegiem a construção de um saber significativo e com um entendimento crítico e reflexivo sobre os processos que se desencadeiam no espaço geográfico.

O saber significativo, descrito na teoria da aprendizagem significativa elaborada por David Ausubel, baseia-se na idéia de que para se desenvolver uma aprendizagem realmente significativa deve-se relacioná-la àquilo que o aluno já sabe. De acordo com Ausubel,

se tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um só princípio, diria o seguinte: o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Averigüe isso e ensine-o de acordo. (AUSUBEL, 1978, p. iv *apud* MOREIRA, 2006, p. 13).

Esse conhecimento que o aluno já sabe se refere à estrutura cognitiva, quer dizer, ao conteúdo total e à organização das idéias do indivíduo.

No ensino de Geografia, pode-se utilizar como exemplo para esta teoria, o

aprendizado do conceito de espaço geográfico. Para compreender este conceito de forma significativa é necessário que o aluno já tenha conhecimento prévio sobre outros conceitos como paisagem e lugar. Desta forma, havendo uma interação entre os conceitos preexistentes na estrutura cognitiva deste aluno e o novo conceito, ocorrerá a aprendizagem significativa.

Relacionando esta teoria à proposta de se trabalhar a Geografia por meio da metodologia teatral, encontra-se a teoria de ensino baseada nos jogos teatrais. Esta teoria demonstrou-se aplicável a qualquer campo, disciplina ou assunto por possibilitar um espaço de interação e comunicação entre os sujeitos. No ensino de Geografia, pautado na interação do indivíduo com seu conhecimento, torna-se fundamental a utilização desta proposta para que se possibilite a interação entre os alunos e entre estes e os professores. Para Koudela, “a escola alegre de Paulo Freire seria o espaço ideal para a relação dialógica entre professor e aluno, propiciada pelo trabalho alegre do teatro!” (KOUDELA, p. 36). A escola alegre de Paulo Freire propicia ao aluno autonomia, liberdade de se expressar, aguça a sua curiosidade epistemológica e incita a crítica da realidade em que vive. O Teatro só tem a crescer nesta perspectiva de educação sociocultural.

Experimentações teatrais

O método aplicado nestas experimentações foi o da análise prática da utilização do Teatro como metodologia de ensino de Geografia. A avaliação dos resultados se deu por meio da utilização da metodologia em pauta em duas aulas com turmas de diferentes níveis de escolaridade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense/Campus Campos-Centro. A primeira, considerada um pré-teste e com o objetivo de ser avaliada pelos alunos (futuros professores de Geografia), foi ministrada para uma turma de Licenciatura em Geografia, enquanto a segunda aula serviu de validação e foi aplicada para uma turma do 3º ano do Ensino Médio da mesma instituição. As atividades, tanto do pré-teste como da validação, foram elaboradas com base nos jogos teatrais.

Nos dois momentos a professora dispunha dos seguintes recursos materiais: um projetor multimídia e um aparelho de rádio com função para CD. Durante os dois momentos de aplicação da pesquisa foram utilizadas músicas para estimular determinados sentidos nos alunos envolvidos. As atividades foram desenvolvidas no

miniauditório da instituição.

Pré-Teste

Para o pré-teste foi elaborado o roteiro 1 (a seguir) e a partir do tema: “Processo de favelização na região Sudeste”, utilizando-se os jogos teatrais como metodologia de ensino. O tema foi selecionado com base no conteúdo que estava sendo trabalhado na turma do 3º ano do Ensino Médio (regionalização brasileira) na qual seria aplicada a validação.

Roteiro 1 - pré-teste

Tema: Processo de favelização da região Sudeste

Atividade	Descrição	Objetivos
Atividade 1 – Relaxamento/ Contato com os colegas	atividade de relaxamento e integração	Aproximar e integrar os participantes.
Atividade 2 - Pantomima do primeiro dia	atividade em grupo de uma situação genérica	Desinibir os participantes.
Atividade 3 - Comerciais para produtos que não existem	apresentar um lugar da região Sudeste com vantagens econômicas fictícias para pessoas da região Nordeste.	- Trabalhar a comunicação e a improvisação do grupo. - Criar cenas que pudessem demonstrar os fatores que atraíram dezenas de nordestinos para o Sudeste com a esperança de emprego e melhores condições de vida. - Desenvolver uma visão crítica da situação.
Atividade 4 - Atravessando	pantomima individual	- Ativar e possibilitar a expressão corporal. - Ambientar-se com lugares da região Nordeste e da Sudeste.
Atividade 5 - Frase encadeada	cada um fala uma palavra para montar uma frase.	- Desenvolver uma linha de raciocínio coerente.
Atividade 6 - Aumente a história	um participante começa uma história e os outros a complementam gradativamente.	- Desenvolver a criatividade. - Possibilitar o encadeamento lógico e coerente de idéias. - Contar uma história relacionada com o tema proposto.
Atividade 7 - Improvisação, em grupo, de uma situação dada	montar uma cena de acordo com a situação proposta.	- Vivenciar diversas situações reais de uma metrópole. - Saber se expressar oral e corporalmente.

Atividade 8 - Apresentação de pesquisa realizada pela Central Única das Favelas - CUFA	pesquisa sobre a situação nas favelas do Rio de Janeiro	- Desmistificar a visão geral sobre as favelas e as pessoas que vivem nestes locais, ampliando a visão crítica de mundo dos participantes.
Atividade 9 - Avaliação	avaliar as atividades propostas e seus objetivos	- Verificar se as atividades estiveram condizentes com seus objetivos.
Atividade 10 - Encerramento	finalização das atividades	

A aula foi iniciada sem que os alunos soubessem o tema de Geografia a ser trabalhado, o que seria identificado pelo grupo de alunos somente após a execução das dinâmicas. A primeira atividade realizada foi a do relaxamento⁵ que objetivava conduzi-los à concentração, percepção corporal e à interação entre eles. Para facilitar o desenrolar da atividade foram utilizadas músicas incidentais e além de bolas de tênis, utilizadas em técnicas de relaxamento. Esta atividade foi bem executada pelos alunos e estimulou a interação entre os colegas. A segunda atividade foi em grupo, uma pantomima⁶ com tema genérico para ambientar os alunos com os jogos e desinibi-los para as próximas ações. Alguns temas propostos foram: criar uma cena em um acampamento, no trabalho em escritório, dentre outros.

A atividade três consistia na apresentação de um comercial de um produto – um lugar - que não existe, com atrativos econômicos fictícios. Tais lugares apresentados deveriam chamar a atenção dos nordestinos incentivando-os a irem para a região Sudeste. Contudo, esta atividade não foi executada de acordo com seus objetivos, pois apesar da explicação dada pela professora de que deveriam ser apresentados atrativos econômicos para que as pessoas quisessem ir morar nestes lugares e lá ganharem seu sustento com bastante fatura, os alunos apresentaram comerciais se restringindo a apresentarem atrativos turísticos, fugindo ao objetivo da proposta.

A atividade quatro consistia em uma atividade individual de pantomima, objetivando ativar a expressão corporal dos participantes e ambientá-los a lugares das regiões Nordeste e Sudeste, e foi bem compreendida e executada pelos participantes. Dentre os lugares que os alunos deveriam “atravessar” estavam região do semiárido nordestino; rio São Francisco em época de cheia; festa junina em Campina Grande e

⁵ Relaxamento é uma atividade que tem o intuito de relaxar os músculos das tensões cotidianas, bem como promover a concentração dos participantes e prepará-los para desenvolver as atividades teatrais. Ajuda no conhecimento e percepção do seu próprio corpo.

⁶ Pantomina é uma atividade que visa expressar as ações determinadas previamente sem o uso de palavras.

lagoa da Pampulha. Como pode-se observar foram utilizados não apenas aspectos físicos das regiões Nordeste e Sudeste como também os aspectos culturais.

As atividades cinco e seis se complementam. A cinco tinha como objetivo desenvolver uma linha de raciocínio coerente através da criação de uma frase formada por todos os participantes, a dinâmica previa que cada um dissesse uma palavra que formasse uma ideia concatenada ao que fora dito pelo anterior, exigindo concentração e raciocínio rápido. Já a atividade seis, deveria desenvolver a criatividade dos participantes por meio do ato de contar uma história relacionada ao tema proposto. Nestas duas propostas, observou-se certa dificuldade de expressão oral de alguns alunos.

Na atividade sete, última atividade de jogos teatrais, a intenção era criar uma cena de improviso de acordo com uma situação dada. O objetivo desta atividade era desenvolver a expressão oral e corporal através da vivência de diversas situações reais de uma metrópole, tendo sido bem compreendida pelos alunos e executada sem maiores dificuldades. As situações dadas foram: população se revolta com morte de bandido pelos policiais; menino tenta vender bala no sinal, dentre outras.

A atividade oito se ateve à apresentação por parte da professora da “Pesquisa Social sobre percepções, atitudes e opiniões dos moradores das favelas e comunidades da cidade do Rio de Janeiro” realizada pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa Social – IBPS contratado pela Central Única das Favelas – CUFA⁷. A intenção de apresentar tal pesquisa era a de desmistificar a visão geral que a sociedade normalmente tem sobre estas formações habitacionais populares, possibilitando o alargamento da visão crítica de mundo dos participantes, pois tal pesquisa apresenta dados que relativizam a visão do senso comum sobre as favelas. Como exemplo, observa-se o fato de 98,5% dos entrevistados afirmarem possuir rede elétrica em suas casas, 77,6% morar em ruas calçadas ou asfaltadas e 93,1% possuírem a imagem de que as favelas não são lugar de negro e pobre. Ocorreu com esta atividade a quebra de alguns estereótipos incutidos no pensamento geral da sociedade, alguns inclusive apresentados pelos próprios alunos nas suas encenações anteriores. Desta forma ampliou-se a visão da realidade pelos alunos, buscando

desconstruir o óbvio, tomando aquilo que é familiar e tornando-o estranho e não-familiar e, assim, fazendo com que prestemos atenção à forma como nossa

⁷ A pesquisa foi realizada no período de 22 de fevereiro de 2008 a 11 de março de 2008, tendo sido entrevistadas 1074 pessoas de 101 favelas. Ela relata opiniões de moradores de favelas do Rio de Janeiro.

linguagem, experiência e comportamento são socialmente construídos, sendo, pois, constrangidos, sobre determinados e convencionais, estando ao mesmo tempo sujeitos à mudança e à transformação. (KELLNER, 1995, p. 109 *apud* MATHEUS, 2008, p. 136)

Logo após a apresentação da pesquisa, foi entregue aos alunos o roteiro da aula e se deu por parte deles a avaliação, primeiramente oral e posteriormente por escrito, da aula de Geografia com a utilização de dinâmicas e jogos teatrais. Nesta avaliação, eles apresentaram suas opiniões sobre a temática trabalhada, as atividades propostas e o objetivo da pesquisa, ou seja, a utilização de uma metodologia teatral no ensino de Geografia. Alguns trechos das avaliações estão destacados no item 4.3.

Deve-se ainda considerar que a ideia era tratar da favelização na Região Sudeste focando na influência da migração nordestina neste processo. No pré-teste trabalhou-se a temática observando-se esta influência, porém depois da avaliação feita pelos alunos de que não se pode generalizar que a favelização na região Sudeste ocorreu por causa dos imigrantes nordestinos, observou-se que dando este enfoque poder-se-ia incorrer em um erro, visto que, esta generalização não é correta. Afinal não se pode suscitar nenhum tipo de preconceito pela origem de determinado grupo, nem se pode dizer que as favelas começaram a surgir na região Sudeste a partir da migração nordestina.

A interação dos alunos com as abordagens feitas ao longo da aula, durante o desenvolvimento das atividades, foi muito boa. A princípio eles não sabiam que seriam convidados a realizar uma atividade de jogos teatrais, mas responderam bem à proposta e se dispuseram a participar. No decorrer das ações sugeridas foram perdendo a timidez pelo que é novo e deixando fluir a criatividade.

Validação

A aula de validação das atividades propostas foi ministrada em uma turma de 3º ano do Ensino Médio. Estiveram presentes 14 alunos. Dentre eles havia um aluno deficiente visual e um outro deficiente auditivo, contudo ambos puderam participar ativamente das atividades assim como os demais colegas de turma. As atividades foram desenvolvidas em dois espaços, na sala de aula da turma para desenvolver as dinâmicas de jogos com maior mobilidade e, para a demonstração da pesquisa apresentada em slides, no miniauditório da instituição.

As atividades realizadas foram as mesmas aplicadas no pré-teste (de acordo

com o roteiro1), com exceção da atividade 3 “Comercial para um produto que não existe”, que foi retirada por não ter tido seu objetivo atingido no pré-teste. Como no pré-teste, a atividade 1 foi a de relaxamento, com os alunos desta turma a atividade transcorreu de forma diferente, pois eles tiveram certa dificuldade de concentração e se mostraram bastante tímidos ao interagir com os colegas, porém, ainda assim, participaram da atividade de forma satisfatória e ativa. Foram da mesma forma utilizadas músicas para incentivar a concentração e o relaxamento.

A atividade 2, pantomima em grupo, foi bem executada pelos alunos que demonstraram ter criatividade e disposição para atividades corporais e em grupo. As temáticas utilizadas também foram genéricas com o intuito de familiarizá-los com a proposta dos jogos. Dentre as temáticas estava: praticar cena de jardinagem; de um vendedor de água de coco na praia, entre outras.

Na atividade 3, atravessando, houve uma modificação com relação ao pré-teste, pois foi solicitado que eles realizassem uma pantomima de travessia em algum lugar da região Sudeste e não mais em lugares da região Nordeste. Ocorreu que os alunos não compreenderam muito bem a proposta da atividade que era de imaginar que estavam atravessando determinados lugar e representar isso com gestos, e, portanto, não a realizaram satisfatoriamente. Dentre os lugares propostos estavam: São Paulo em tarde chuvosa; avenida Paulista; BR 101; ruas de pedra de Ouro Preto; entre outros.

As atividades 4 e 5, como foi dito anteriormente, se complementam, já que visam ampliar o repertório de ideias geradas a partir de uma tema proposto, em frase encadeada e aumente a história. Os alunos demonstraram criatividade e rapidez de raciocínio alcançando plenamente os objetivos das duas atividades. Demonstraram também alegria e descontração na execução dessa proposta metodológica.

Na atividade 6, improvisação em grupo, os alunos realizaram encenações sobre situações vivenciadas em uma metrópole e tiveram saídas criativas para as situações. Dentre as situações propostas estavam: menino da favela conhece menino da zona Sul e chama para ele ir a sua escola; adolescente de classe média alta tenta ir a um baile funk; dentre outras também utilizadas no pré-teste.

Antes da atividade 7, a professora perguntou aos alunos sobre a temática da aula e eles demonstraram ter compreendido o objetivo. A atividade 7, apresentação da pesquisa sobre as favelas, ocorreu de forma diferente da do pré-teste, pois a pesquisa foi apresentada por meio de gráficos exibidos em projetor multimídia com a intenção de tornar a visualização mais fácil, atraente e de destacar alguns aspectos relevantes da

pesquisa.

Assim como no pré-teste, os alunos demonstraram não terem conhecimento prévio da temática da aula e reafirmaram os estereótipos com os quais a sociedade define os moradores das favela e ficaram bastante surpresos com os resultados da pesquisa.

Após as atividades, os alunos fizeram uma avaliação da aula, por escrito, apresentando os pontos de que mais gostaram e os que porventura não consideraram importantes na aula.

Avaliação

As avaliações feitas pelos alunos, tanto da Licenciatura quanto do Ensino Médio, foram bastante produtivas. Os alunos de licenciatura, como solicitado, analisaram a aula com a intenção de propor mudanças para a aula-validação e fizeram análises sobre a aplicação da metodologia no cotidiano escolar. Já os alunos do Ensino Médio refletiram sobre a diferença de uma aula pautada na metodologia dos jogos teatrais e uma aula expositiva tradicional, colocando de forma clara e objetiva suas visões com relação aos métodos de ensino tradicional.

Com o intuito de embasar a proposta de ensino de Geografia na metodologia teatral, serão transcritos alguns trechos das avaliações dos alunos participantes. A título de organização e para melhor compreensão, os alunos de licenciatura serão identificados por letras e os do ensino médio por números.

Alguns alunos do curso de licenciatura sugeriram que a temática da aula fosse apresentada em seu início, que não fosse deixada a sua apresentação para o fim da aula.

A proposta de ensinar geografia através do teatro é dinâmica e proveitosa, porém o tema da aula "Processo de favelização da região sudeste" deveria ser exposto antes, para o aluno ter um olhar direcionado ao tema. (Transcrição da avaliação do Estudante C)

Vejo como bastante importante também uma conversa sobre o tema no começo do processo ou ainda no meio dele para que saibam direcionar o pensamento e criatividade para um assunto e não perder de vista que ali está acontecendo uma aula e por mais dinâmica e divertida que pareça ela tem um objetivo ou como dizemos nós alunos, é matéria. (Transcrição da avaliação do Estudante H)

A análise feita pelos estudantes C e H, alunos de licenciatura, também foi objeto de análise de vários deles, porém um dos objetivos do trabalho utilizando a

metodologia teatral é a de incentivar a criatividade e a experimentação, então ficaria prejudicado o objetivo central da utilização dessa metodologia se os participantes conhecessem previamente a proposta de trabalho e a temática da aula, pois direcionariam suas ações a fim de corresponder aos objetivos e, com isso, não se expressariam com espontaneidade. Segundo Stanislavski, ator e diretor teatral, “não cabe a nós, professores, dar instruções sobre a maneira de criar; devemos apenas levar os alunos pelo caminho certo.” (STANISLAVSKI, 1997, p. 112).

Ainda sobre o tema da aula, outro aluno demonstrou preocupação quanto a sua abordagem:

Outro ponto que acho que não pode ser deixado em segundo plano é o tema ou conceito abordado, que em minha opinião na aula experimental esteve muito confuso e por muitas vezes não se mostrou claro. (Transcrição da avaliação do Estudante F)

A avaliação feita por este aluno e outras feitas oralmente por seus colegas foram avaliadas e consideradas pertinentes, a partir daí o foco da temática foi revisado e redefinido, tratando apenas da questão da favelização na região Sudeste sem vincular este processo à migração nordestina.

Alguns alunos do curso de licenciatura analisaram as atividades e seus objetivos e chegaram a algumas conclusões:

A atividade 4 – atravessando é interessante para trabalhar com os alunos porque tem um caráter de orientação e localização, pois no exercício o aluno é desafiado a conseguir atravessar algum lugar com as devidas barreiras naturais, ou simplesmente identificar algum lugar nas regiões nordeste e sudeste; o desempenho é individual, o que pode avaliar as noções espaciais de cada um. (Transcrição da avaliação do Estudante E)

A atividade 8 – apresentação de pesquisa realizada pela CUFA, é fundamental como complemento da atividade 7, pois mostra uma pesquisa sobre a situação nas favelas do Rio de Janeiro, desmistificando as prováveis visões gerais preconceituosas dos participantes e mostrando aos alunos que a realidade nas favelas é relativa, diferente do estereótipo que a maioria de nós carrega. (Transcrição da avaliação do Estudante E)

Sobre a atividade 8, outro estudante comenta e faz algumas críticas quanto à forma como foi apresentada:

A atividade oito (apresentação de pesquisa realizada pela CUFA) tinha como objetivo ampliar a visão de mundo dos alunos, estando

interligada a atividade sete, em que se utilizou de dados, porém, de forma exagerada, pois, podia-se aproveitar para destacar o resultado final daqueles dados, não apenas ler, dando a entender que todos vão tirar as mesmas conclusões. (sic). (Transcrição da avaliação do Estudante B)

Depois desta e de outras avaliações orais sobre a apresentação da pesquisa em forma de texto, para a validação, foram elaborados gráficos com base em alguns resultados julgados mais relevantes para a apresentação em formato multimídia.

Os participantes do pré-teste, de maneira geral, fizeram avaliações positivas quanto à utilização da metodologia teatral no ensino de Geografia:

Em meu ponto de vista essa proposta é bastante válida para que o aluno se interesse pelo processo de ensino-aprendizagem, que para educar não basta saber o conteúdo, mas saber como aplicá-lo, ou seja, é de suma importância. (Transcrição da avaliação do Estudante C)

Primeiramente gostaria de elogiar a ideia e, principalmente, a ousadia da iniciativa de ver arte e ciência em prol da educação. Ressalto, então, a dificuldade desta fusão por se tratar de formas de pensamento que estamos acostumados a ver como dicotômicos; arte como uma forma de expressar-se sentimentalmente e ciência para constatações racionais. (Transcrição da avaliação do Estudante H)

A utilização do teatro no ensino de Geografia se mostrou uma alternativa válida e interessante, tornando assim o ambiente da sala de aula mais atrativa aos alunos, ajudando a aproximação de professor e alunos. (Transcrição da avaliação do Estudante F)

Apesar destas e de outras avaliações positivas a respeito da proposta, uma análise se destaca por demonstrar a visão tradicional e produtivista de educação com a qual alguns professores ainda comungam.

Concluindo, algumas perguntas a se fazerem são: será que vai ser possível manter a ordem e o foco dos alunos nos conteúdos propostos? Será que todos os alunos vão respeitar essa nova forma de ensino de Geografia? Será que eles vão se sentir a vontade para fazerem os exercícios? E o mais importante e que não deve ser esquecido nunca, será que eles vão aprender Geografia? Será que eles vão estar aptos a competir com os alunos das demais escolas que na maioria lecionam de maneira nem tanto inovadora, no entanto, eficaz? (sic) (Transcrição da avaliação do Estudante G)

Estas observações são respondidas pelos próprios alunos do Ensino Médio que participaram da validação.

A aula de hoje, dia 17/11/09, foi bastante produtiva. É interessante inovar a maneira de ensinar para que o aluno possa “abrir” mais a mente. Realmente é grande o número de pessoas que acham que favelas são o mal das cidades, mas foi possível entender que não é bem assim que as coisas são, graça à pesquisa feita nas comunidades. Achei ótima a aula e a abordagem do assunto, Parabéns! (Transcrição da avaliação do Aluno 10)

É muito produtivo quando a aula não se resume a apenas textos e mais textos. Neste último exemplo foi fácil assimilar as realidades após atividades dinâmicas. (Transcrição da avaliação do Aluno 12)

A aula foi produtiva, pois uma aula dinâmica e interativa torna o aprendizado bem mais interessante e mais fácil. (Transcrição da avaliação do Aluno 5)

Achei muito interessante, pois conseguimos ver a Geografia de uma maneira mais dinâmica. Foi bem vergonhoso no começo, pois somos tímidos. Porém, depois, ficamos confortáveis. A dinâmica e os dados foram bem interessantes; os dados nos ajudaram a quebrar o estereótipo da favela. (Transcrição da avaliação do Aluno 2)

Tivemos uma aula com atividades que não costumamos fazer. Foi bem diferente, pois além de sairmos da rotina, abordamos um tema importante de uma forma legal e divertida. (Transcrição da avaliação do Aluno 3)

A aula foi bem dinâmica, ficou divertida apesar de estranha (no bom sentido). Foi legal também a interação direta com os colegas de classe e com a professora. (Transcrição da avaliação do Aluno 6)

Uma aula criativa que ajuda aos alunos a entenderem melhor o mundo e mostrar uma nova forma de se ver o mesmo. Vivendo sua realidade. (Transcrição da avaliação do Aluno 4)

Observa-se por meio das avaliações dos alunos do Ensino Médio que a proposta foi bem sucedida, alcançando os objetivos de tornar o ensino de Geografia mais significativo, crítico, reflexivo e vivenciado. Os alunos compreenderam bem a ideia e participaram ativamente das atividades, mesmo quando, a princípio, demonstraram-se envergonhados, mas logo se sentiram a vontade para compartilharem suas experiências com seus colegas.

Analisando os resultados obtidos pode-se perceber que a aprendizagem se realizou na forma de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Os alunos destacaram a importância da realização dos jogos teatrais propostos, que eles chamam de dinâmicas, para “abrir a mente” (aluno 10) e ver a “Geografia de maneira mais dinâmica” (aluno 2). Eles revelam que o conceito de favelização foi assimilado por meio das atividades realizadas, pois todas as atividades estavam encadeadas com o objetivo de

construir o conhecimento. Os procedimentos auxiliaram na aprendizagem, pois estimularam os alunos a expressarem seus conhecimentos prévios e assimilarem de forma autônoma os novos conceitos, exemplo que pode ser observado na opinião do aluno 4. Já os conceitos atitudinais foram adquiridos ao final da aula quando tiveram a oportunidade de visualizar os dados apresentados e compará-los as suas ações durante a aula, como exemplos podem ser observados nas opiniões dos alunos 10 e 2 sobre a quebra de estereótipos e do aluno 6, quando cita a interação com os colegas e a professora como sendo algo produtivo.

Avaliar se ocorreu uma aprendizagem significativa nos termos que Ausubel concebeu não é tarefa fácil, seria necessária a aplicação dos novos conceitos adquiridos em problemas ou proposições ainda não familiares aos alunos para não incorrer em respostas mecanicamente decoradas (MOREIRA, 2006). No entanto, o que se pode observar com a pesquisa realizada é que a interação, que é a característica da aprendizagem significativa foi alcançada a partir do momento em que os alunos após expressarem seus conhecimentos prévios (estereótipos pré-concebidos sobre favelas) se depararam com informações (pesquisa realizada pela CUFA) bem diferentes das que eles conheciam ou concebiam sobre as favelas. Desta forma, pode-se afirmar que ocorreu uma interação entre os conhecimentos prévios e os novos conhecimentos adquiridos, isto se evidencia na própria avaliação realizada pelos alunos ao relatarem a quebra de estereótipos como nas transcrições dos alunos 2, 10 e 12.

A professora da turma do Ensino Médio acompanhou todas as atividades e também fez sua avaliação da aula, observando o comportamento dos alunos e a contribuição da metodologia teatral para o ensino de Geografia:

Considero as atividades propostas e aplicadas de suma importância para a aproximação dos alunos com o conteúdo trabalhado no bimestre vigente.

O desenvolvimento de uma linha de raciocínio coerente foi possibilitado naturalmente, a partir dos jogos teatrais que auxiliaram na melhor assimilação e compreensão do conteúdo. Sem saberem previamente a temática exata que era o foco da aula – processo de favelização na região sudeste –, os alunos foram estimulados a representarem situações que correspondia à realidade do conteúdo, de maneira lúdica, o que acabou contribuindo para um aprendizado mais eficaz.

Além de permitir uma melhor compreensão do conteúdo, avalio que as dinâmicas trabalhadas permitiram uma maior aproximação entre os alunos da classe e, mais importante, contribuíram para que visões preconceituosas acerca do processo de favelização fossem repensadas. (Transcrição da avaliação da professora do Ensino Médio)

O resultado da aplicação da aula de validação foi muito satisfatório, pois realmente atestou empiricamente a pesquisa bibliográfica realizada. A metodologia dos jogos teatrais se mostrou aplicável ao contexto do ensino de Geografia e os alunos participantes se comportaram de modo ordeiro, atento e respeitoso, manifestando ter sido uma aula prazerosa para eles.

Considerações Finais

A Geografia é uma ciência que tem vocação para a experiência prática, pois os seus conceitos e temas podem ser facilmente visualizados. Porém, mesmo com toda esta facilidade apresentada por tal ciência, a Geografia escolar vem sendo ensinada nas escolas regulares de forma a ser entendida como sinônimo de localização e “decoreba” de nomes e conceitos. Observou-se com a pesquisa realizada e aqui relatada que a utilização da metodologia do Teatro no ensino de Geografia é viável e pode obter bons resultados no que tange à vivência dos conceitos e conteúdos geográficos, por isso faz-se necessário que os professores desta disciplina transponham a barreira do ensino tradicional e avancem em busca de um ensino que faça o aluno refletir sobre os temas estudados e simultaneamente desperte nele a compreensão de seu papel na sociedade. É preciso que se entenda que a Geografia estuda o espaço habitado pelos alunos e que este não é um espaço destituído de identidade, despovoado, criado apenas na teoria, ele faz parte da realidade vivida e experimentada por professores e alunos.

A metodologia apresentada neste artigo não pretende ser uma receita ou um manual a ser seguido sem reflexão, deseja apenas demonstrar que é possível transpor a barreira do ensino tradicional e torná-lo de fato significativo para que os alunos tenham autonomia e liberdade de se expressarem e de mostrarem suas formas de ver o mundo. A prática do Teatro leva os alunos para a cena e lhes dá voz, ajudando a formar cidadãos capazes de compreender a sua realidade e mesmo de modificá-la.

A pesquisa foi exitosa, pois revelou que utilizar o método dos jogos teatrais não é apenas dar uma aula diferente. A partir do relato dos próprios alunos, observa-se que eles compreenderam o objetivo da aula, no que tange ao conteúdo também, evidenciado na compreensão, a partir dos dados apresentados, da realidade das favelas bem diferente daquilo que eles expuseram durante as atividades de jogos teatrais. O que se verificou foi uma aproximação dos alunos com o conteúdo estudado, fazendo com que eles se interessassem mais pela temática da aula, contudo deve ficar claro que a

intenção de utilizar este método não se restringe a uma aula, exige desdobramentos para que o aprendizado não seja apenas momentâneo e despertado por atividades “diferentes”.

Referências

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRECHT, Bertold. **Estudos sobre teatro**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. (org). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson. et al. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CAVALCANTI, Lana. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sônia. (org). **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- COELHO, Raquel. **Teatro**. São Paulo: Formato, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GAMA, Joaquim. **Teatro: uma experiência criativa**. Disponível em: <http://culturaeducacao.fde.sp.gov.br/Administracao/Anexos/Documentos/420091014165032Teatro%20uma%20experi%C3%AAncia%20criativa.pdf> Acesso em: 30/11/2009
- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. 7.ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- KOERTZ, Aline; CASTRO, Éderson. **Método de projeto: um enfoque no trabalho coletivo**. 2008. Disponível em: http://www.forummundialeducao.org/IMG/doc_Metodo_de_projeto_-_um_enfoque_no_trabalho_coletivo.doc Acesso em 14/06/2009
- KOUDELA, Ingrid. **A ida ao Teatro**. Disponível em: www.culturaeducacao.fde.sp.gov.br/.../420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf Acesso em: 30/11/2009
- MATHEUS, Elizabeth. O que há por trás de uma panela? Uma atividade de campo como trajetória a um olhar geográfico. In: REGO, Nelson. et al. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MOREIRA, Marco Antônio. **A teoria da Aprendizagem Significativa: e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.
- REICHWALD JR, Guilherme. Leitura e escrita na Geografia ontem e hoje. In: NEVES, Iara et al. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 6.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- REVERBEL, Olga. **Um caminho do Teatro na Escola**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- SANTOS, Roberto. **Abordagens do processo de ensino e aprendizagem**. In: Integração, ano XI, nº 40, jan/fev/mar, 2005, p. 19-31. Disponível em: ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/19_40.pdf
- STANISLAVSKI, Constantin. **Manual do Ator**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ZACHARIAS, Vera Lúcia. **Abordagens Comparativas**. Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.pro.br/compara.html> Acesso em 24/08/2007.

Soares, L.M.S.

Recebido em 04 de junho de 2012.

Aceito para publicação em 31 de maio de 2013.